



EM SALA COM A SOCIOLOGIA: DESAFIOS DA PRÁTICA PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA

ANJOS, Raquel Viana dos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)
raquel.dosanjos@ifpi.edu.br

BELCHIOR, Izac de Sousa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)
izac.belchior@ifpi.edu.br

MELLO, Giusévilly de Souza
Universidade Federal do Ceará (UFC)
giusevilly@gmail.com

Eixo temático 1: Trabalho, práxis e educação: fundamentos educacionais

RESUMO

Nosso interesse se volta para as aulas de Sociologia no Ensino Médio tendo como objetivo a observação crítico-reflexiva das aulas de Sociologia, buscando compreender como os profissionais atuam em sala. Para o desenvolvimento desta tarefa, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, tendo como interlocutores Augé (1997), BORGES (2018), Goffman (2001) e Moraes (2004), pesquisa de campo na escola e observação de aulas de sociologia. Verificamos os desafios do trabalho com jovens na atividade contínua do estímulo a reflexão.

Palavras-chave: Sociologia. Ensino Médio. Prática docente.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, a escola surge como um lócus bastante interessante para se perceber as interações entre “Escola e Juventudes”. Nosso interesse se volta mais precisamente para as aulas de Sociologia, a atuação dos professores e as ações dos alunos durante estas aulas. Tendo como objetivo a observação crítico-reflexiva das aulas de Sociologia, buscando compreender como os profissionais atuam em sala.

Para o desenvolvimento desta tarefa, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, tendo como interlocutores Augé (1997), Borges (2018), Goffman (2001) e Moraes (2004), pesquisa de campo na escola e observação de aulas de sociologia com o consentimento de alunos e professores. Ao todo foram sete visitas ao espaço escolar, sendo duas visitas de contato e reconhecimento do espaço, e cinco assistindo as aulas.



2 DESENVOLVIMENTO

Para esta pesquisa propõe-se uma reflexão a partir do texto de Erving Goffman, "Sobre a preservação da fachada – Uma análise dos elementos rituais na interação social", por entender que a sua teoria sobre "preservação da fachada" e interação social ajuda a compreender melhor o desenrolar dos acontecimentos em sala de aula. Foi utilizado também o conceito de identidade de Marc Augé (1997), onde a identidade dos indivíduos se forma a partir de suas alteridades, assim, aluno e professor no convívio contínuo expõem seus valores, ideias e experiências, abrindo as possibilidades para as mudanças e rupturas que este contato pode trazer. Neste aspecto a escola segundo Borges (2018) se transforma em uma experiência para a vivência e incentivo ao convívio com a diversidade e a aceitação da pluralidade dos alunos na vida em sociedade:

O convívio com a diferença, propiciado pela escola, é importante, também, para a percepção de que ser diferente não é problema é peculiaridade da espécie humana; cabe, portanto, à escola não rotular o aluno como fraco e sim como diferente. Esse convívio contribui, ao mesmo tempo, para a percepção de que não é necessário ser sempre do mesmo modo: as pessoas mudam, constroem novos valores, assumem novas atitudes, desenvolvem novas relações. As diferenças representam, ainda, a possibilidade de se enxergar no outro e poder afirmar com clareza: "sou assim, sinto assim, manifesto meus sentimentos assim e penso assim; ele é diferente de mim, pensa de outro modo, sente e manifesta seus sentimentos de outro modo. (BORGES, 2018, p. 2).

Retomando as considerações sobre Goffman, o autor apresenta o termo fachada:

[...] como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados. (GOFFMAN, 2011, p. 13).

Assim, ao presenciar as aulas foi possível identificar na atuação do professor uma imagem que ele estabelece diante da turma e passa a ter a necessidade de mantê-la durante e depois da aula. A "linha" surge como um conjunto de ações que o indivíduo assume frente ao grupo, independente de sua pretensão racional ou não em assumir tais ações e que segundo Goffman (2011) o indivíduo sempre assumirá. Uma vez que a linha é estabelecida ao grupo, este se mobiliza para assumir uma posição e se efetivar no diálogo. Cita-se como exemplo a forma como alunos costumam se comportar de maneira diferente diante de professores mais formais e conhecidos como mais exigentes ou mais durões e professores mais amigáveis ou mais próximos aos alunos. Conforme são as ações e a linha que o professor assume os alunos são obrigados a correspondê-la e depois de assumida uma fachada cada vez se torna mais difícil mantê-la, as vezes o indivíduo tem que assumir



ações mais agressivas perante o grupo, seja para manter a fachada ou manter a linha. A seguir observações a cerca de duas aulas.

2.1 PRIMEIRA AULA

A chegada à sala foi acompanhada da professora, de imediato a turma demonstrou uma agitação e aos poucos foram se acalmando. A professora solicitou que alguns alunos guardassem as atividades que estavam fazendo e que pertencia a outra disciplina, explicou que na sua aula não aceitaria ninguém fazendo tarefa atrasada de outros professores, pois precisava que todos prestassem atenção na sua aula. Logo, a professora começou a escrever no quadro alguns dados sobre o texto, mas os alunos continuaram fazendo brincadeiras e muito barulho. Mais uma vez ela alertou a classe para o comportamento em sala e durante sua fala duas coisas chamaram atenção, a primeira foi à frase: “olha a maquiagem!!!”, que ela disse se dirigindo as meninas que estavam se maquiando enquanto todos copiavam o que estava no quadro e a outra foi: “fizeram as pazes?”, pergunta esta, que ela dirigiu a dois alunos que estavam sentados próximos, então a turma riu alto e ficaram falando algo como “parceria das facções!”, após a aula em momento oportuno, a professora explicou que aqueles meninos haviam se “estranhado” recentemente e que como a escola ficava num bairro com histórico de violência entre gangues era comum os meninos usarem essa linguagem de “estranhamento” para designar brigas e desentendimentos.

Após escrever todas as anotações no quadro a professora pediu para os alunos pegarem o livro, nesse momento alguns alunos resolveram alegrar a aula com falas como: “meu livro num vai até essa página aí não!”, “professora a senhora perguntou se eu tenho o livro, não perguntou se eu trouxe o livro!”, mas a professora se manteve calma e deu continuidade a aula. A aula foi explicativa, a professora utilizou o quadro para organizar as ideias centrais do texto e concentrou a leitura em uma pessoa, no caso a líder da sala. Em momentos específicos a professora suspendia a leitura da aluna para dar exemplos, solicitar a participação de outros alunos e explicar algumas passagens do texto. Alguns alunos participaram, a professora mediou as colaborações com base no capítulo do livro trabalhado, sempre dando exemplos e mostrando segurança do tema, em pouco tempo a aula chega ao fim.



2.2 SEGUNDA AULA

A professora estava em sala explicou a nossa condição de observadores e o porquê de nossa presença na aula. Novamente uma agitação inicial, mas que é logo contornada pelo aviso de visto das atividades nos cadernos. Depois a professora comunica que o tema da aula será a análise do filme *Tempos Modernos* com base em um questionário que os alunos deverão copiar, responder e que em seguida será corrigido valendo pontos.

A turma, mesmo copiando o que a professora escrevia no quadro estava bastante inquieta, mas a professora não mostrou intimidação e sempre pedia silêncio. Após terminar de copiar as informações no quadro, para não constranger os alunos, a professora chamou pelo número da chamada e não pelo nome, alguns estudantes para avisá-los sobre a ausência de alguns trabalhos e explicar que eles devem providenciar o mais rápido possível, pois valem pontos.

A professora retorna ao conteúdo da aula fazendo perguntas aos alunos sobre o surgimento da Sociologia e alguns respondem citando Augusto Comte e outros Durkheim. Então ela esclarece que as duas respostas estariam corretas, pois Comte deu início com a implantação do pensamento positivista e Durkheim teria sido o primeiro a proferir uma aula de Sociologia, mas alerta principalmente para o período histórico que influenciou o surgimento, ao que alguns alunos respondem a “Revolução Industrial”. Quebrando a lógica da aula a professora lembra aos alunos que haverá prova e que ela fará uma revisão, alguns alunos se pronunciam a favor e outros contra a necessidade da revisão. Uma discussão se generaliza na sala sobre a revisão para a prova, nesse momento uma aluna diz não achar necessidade na revisão, pois a mesma alega ter que estudar outras coisas: “Você acha que eu não vou estudar física, matemática? Sociologia eu chuto!”. Em meio às risadas da turma a professora fala abertamente da importância da Sociologia e diz que aquela turma deveria acabar com o ar de superioridade que possui, pois nas suas palavras: “a superioridade de vocês, nas minhas provas eu não consigo perceber”. A turma silencia envergonhada diante da confissão da professora e aos poucos retoma a discussão do tema da aula. No fim da aula a professora explicou que esta turma é formada pelos mais novos e ditos “inteligentes” da escola e por isso, eles tem um sentimento de superioridade diante das outras turmas e dos outros alunos. Mas como havia dito, demonstravam as mesmas dificuldades nos assuntos trabalhados em sala.



2.3 A SALA DE AULA COMO ESPAÇO PARA MÚLTIPLAS INTERPRETAÇÕES

Como resultado das observações feitas em sala, algumas questões foram ficando mais claras sobre a aplicação do conceito de Goffman (2011). É do interesse coletivo do grupo a manutenção das fachadas, por isso, a professora solicita a alguns alunos a entrega de trabalhos e ao invés de chamá-los pelo nome resolveu chamá-los pelo número, isso não inibia que os outros alunos soubessem de quem se tratava, mas de alguma forma não os expôs de forma direta.

Quando um professor não sabe responder a uma pergunta tem, mesmo que temporariamente, sua fachada deslegitimada pelos alunos até o momento em que consegue retomá-la. Inclusive é perceptível a diferença da linha que cada professor assume em sala, alguns podem ser mais exigente e enfrentarem os alunos, impondo ordens através de pausas e advertências, já outros professores podem ter sua autoridade questionada pelos alunos e mais dificuldade para se impor, essa situação pode ser fruto do estabelecimento de um primeiro contato muito informal além da possível falta de domínio do conteúdo. Neste último caso assume-se a indiscutível importância da disciplina de Sociologia, bem como todas as outras, serem exclusivamente lecionadas por profissionais formados em suas áreas de atuação, não podendo existir situações de professores assumindo disciplinas sem formação na área. No caso estudado, a professora é graduada em Ciências Sociais – Licenciatura e assumia as duas disciplinas Sociologia e Filosofia, a alegação dada foi a aproximação das disciplinas e assim facilidade para lecionar os conteúdos e também a demanda da escola devido a carga horária da profissional na instituição. Esta situação além de infringir a lei ainda acaba por criar muitas brechas para que os alunos tentem deslegitimá-la em sua função de professora.

Devemos pensar o papel da Sociologia e do seu ensino como uma forma de ampliar as possibilidades de atuação dos cidadãos em uma sociedade mais crítica e mais transformadora. Os estudantes precisam compreender o papel e a importância da Sociologia no ensino médio não apenas como mais uma disciplina necessária para aquisição de um diploma, mas como Amaury César nos diz, uma forma de leitura do mundo:

Falamos em "experiência de investigação" porque entendemos que tanto a Filosofia como a Sociologia não se reduzem a conteúdos, clichês, diagnósticos já deslizando para o domínio público e declamados nas esquinas, nas "enquetes" rápidas e rasteiras divulgadas pelos meios de comunicação de massa, em especial pela TV. Essa experiência é formada à medida que o aluno vai dominando e manipulando linguagens especiais, testando e efetivando explicações, decodificando e compreendendo a estrutura do social e dos discursos sobre o mundo e sobre o homem. (MORAES, 2004, p. 98-99).



E é justamente essa capacidade constante de questionamento e compreensão do mundo que faz da Sociologia e do profissional docente em Sociologia peças fundamentais na formação dos cidadãos em qualquer sociedade.

3 CONCLUSÕES

Diante do exposto, pode-se falar sobre alguns pontos importantes que esta experiência trouxe. O ensino de sociologia em escolas públicas e privadas de ensino médio só recentemente passou a ser obrigatório e ainda se encontram casos em que os profissionais que lecionam nestas instituições podem possuir habilitação de ensino em outros cursos como História e Filosofia. A obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio embora possa ter aumentado a procura por formação, ainda não garante a atuação dos professores somente em sua área.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Por uma Antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BORGES, Patrícia Ferreira Bianchini. Escola x Juventude. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educação/escola-x-juventude.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAES, Amaury César. Por que Sociologia e Filosofia no Ensino Médio? In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (Org.). **Sociologia e ensino em debate**: experiências e discussão de sociologia no ensino médio. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. p. 95-103.